

A GUERRA EUROPEIA

Lição de francez ás creanças da Alsacia.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Peretra Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR e EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Estrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—OOO—

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 7 de Dezembro de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 284—Anno VI

Grupo de soldados arouquenses que em França, luctaram em favor dos alliados.



1.º plano — Antonio de Pinho Teixeira, morto em combate; Manuel Teixeira;
Antonio Gomes; Hermenegildo Brandão e Francisco Justino da Rocha.

2.º plano — Manuel Augusto d'Almeida; Victorino Nunes Ferreira
José Esperança; Saul Teixeira e Manuel Alves Costa.



E agora?...



ENHO sobre a banca nada menos de cinco cartas de leitores que contra mim dispararam esta pergunta: — e agora? que diz v. sobre o futuro?

Já declarei que solememente embirro com bandarras; e, em materia de adivinhas, charadas e enygmas cêdo de boa mente logar ao nosso querido e reverendo director da parte graphica da revista. Uma pergunta d'aquellas é das que tiram o somno, mesmo aos ferroados pela môsa africana — que tenham lazêres para cuidar do que vae pelo mundo, bem de vêr...

— E agora? que diz v. sobre o futuro? ponho-me eu a repetir, ora amarrando o queixo ás mãos e fincando os cotovellos sobre os quartos de papel que esperam a chronica, ora medindo o meu escriptorio ás passadas, e as prateleiras pejudas de volumes, com os olhos, como se d'elles cahisse o *Eureka* redemptor, ora ainda á janella aberta de par em par, n'este delicioso e festivo domingo de inverno, deante dos campos verdejantes, de um céu azul polvilhado da neblina do mar, como se a sombra esfumaçada dos pinhiraes, lá ao longe se adelgaçasse, se retorcesse em curvas de letras, e rabiscasse no horizonte a chave do segredo...

— E agora?....

Aposto em como nenhum dos clérigos, civis e militares, que eu vi ha pouco aglomerados nas naves da velha Cathedral n'um acto religioso de acção de graças pela victoria e pela paz, e ao qual faltou, dizem que por falta do necessario tempo de preparação, o sermão ou discurso eloquente em que o saudoso D. Antonio Barroso poria aquella communicativa fé patriótica que commovia as nossas lagrimas de portuguezes, — aposto em como nenhum d'elles seria capaz de responder ao *E agora?* que me atemorisa.

Agora sustentar o governo até ao fim da conferencia da paz, — indicam os politicos que não sabem ainda como responder ao outro *E agora?* que, pelo menos os meus cinco correspondentes, lhes perguntariam no fim da sobreditá conferencia... se é que ella será de paz e não de guerras!

Agora... graças a Deus, e veremos o que ha a fazer depois, aconselham os catholicos que não gostam de pensar nem em que a guerra foi um castigo que Deus nos enviou para escarmento dos pe cadores, nem em que as graças divinas é preciso conquistá-las!

Agora... cumprimentos ao Affonso e ao Bernardino, os unicos que viram, proclamam para ahí os democraticos (concordando eu com elles pois os dois *prohombres* effectivamente viram... bens de allemães e *viráram* para onde não fazem damno), esquecêdos de que por os seus dois chefes *terem visto* ficamos nós vendo 25:000 soldados heroicamente victimados, segundo declarações officiaes, e 400 mil contos a meenos nos cofres do Estado!

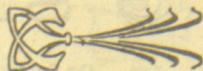
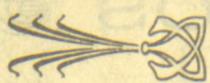
Agora... assobiemos ás botas de 20 mil réis, ao arroz a 9 tostões, ao açúcar a 5 mil réis, á fazenda a 15 mil réis o metro, ao riscado a 7 tostões, aos chapéus a 40 mil réis, aos collares de perolas de 9 contos, ao estanho, ao chumbo, ao arame, aos pregos, aos coiros, ao ferro e ao aço, declaram os até ha pouco *benemeritos* do consumidor atrapalhado das finanças — muito mais atrapalhado do que os ministros das mesmas que nos afogam em sellos d'assistencia!

Agora, digo eu, os meus cinco correspondentes que escolham; ahí lhes offereço padrões por onde o façam.

E se nenhum lhes cahir no agrado, ainda me resgam no armazem de chronista — e mais não sou nem fui, juro-o pela minha bolsa, açambarcador de generos — o padrão bolchevikista com bombas e sargentos e pedreiros para secretarios de estado... interessante; o padrão sidonista com formicidas de vária intensidade e um fundador da republica em boa conservação; e o padrão marca *zê povinho*, com a indestructivel coiraça de indifferentismo e costas largas para cavallo marinho e carretos.

Mais não tenho, mas posso encommendar nas Devezas, na Pampilhosa, ou nas Caldas da Rainha...

F. V.



Por J. de Faria Machado.

Diplomacia...



novo ministro da republica junto da Santa Sé, com a sua barbicha ruiva e as suas polainas, deve ir a estas horas caminho de Roma. Não sei se irá com melhor estrella que o seu antecessor, o que vem dar na mesma do que não levar na sua *valise*, junto com as credenciaes as formaes promessas do governo, d'uma remodelação efficaz nas villanias da intangivel. Não sei Nem nenhum mortal pode saber o que passa pela cabeça do snr. Sidonio, que a este respeito, tem sido d'uma inveterada reserva. O snr. Feliciano da Costa não foi recebido e desconfio que o snr. Forbes Bessa apesar do seu lindo e candido sorriso e das suas boas fallas o não será tambem. Rotas as relações com a Santa Sé, mercê das infames perseguições e dos vexames infligidos á Egreja pela sectaria lei de separação, pela extorsão violenta dos seus bens, pelas affrontas ao seu clero, até hoje se não deu uma satisfação á consciencia catholica do paiz. Muito embora este governo se tenha mostrado tolerante, o que somente o honra, e tenha posto de lado, em materia religiosa, os processos infames da demagogia, não fez, até hoje, a declaração formal de que essas leis monstruosas seriam derogadas para sempre e para sempre tambem plenamente satisfeitas as aspirações legitimas dos catholicos portuguezes que são a maioria do paiz. Até hoje desgraçadamente, essas leis violentas não foram revogadas e se o governo tem sido tolerante consentindo que a Egreja viva n'um regimen de licença, não satisfez de forma alguma o que todos os catholicos reclamam no plenissimo uso d'um direito sagrado. A Egreja necessita d'um regimen de liberdade e não pode desejar, depois d'uma quadra d'affrontas sem nome, um tolerante regimen de licença. Isso se pode servir para revelar os intuitos do governo; não basta, porem, para satisfazer as aspirações de todos nós. Enquanto persistir essa lei sectaria, que o espirito do *couplet* apodou d'intangivel, as relações de Portugal com a Santa Sé serão fatalmente frias e reservadas. A tolerancia governativa persiste n'uma aproximação mas não consente uma paz radiosa e franca. O que devia fazer-se depois da visita de Mons. Ragonesi, e desde que o governo não entendia

oportuno o momento para esclarecer a sua attitude, seria mandar até Roma um simples encarregado de negocios, acreditado junto do cardeal secretario, para encetar os necessarios *pourparlers* da reconciliação e quando a lei fosse derogada ou quando o governo o promettesse formalmente iria então o ministro até junto do Summo Pontifice levar-lhe as saudações ferrosas d'uma nação inteira.

Ter-se-hia poupado a este pobre paiz o fiasco do snr. Feliciano da Costa e mais seguramente caminhado para a solução do grave problema religioso.

Mas o governo continua d'um mutismo impenetravel e por isso eu receio que o snr. Forbes Bessa não seja mais feliz na sua jornada protocollar, que o bravo capitão Feliciano da Costa.

Se o governo quer o seu representante bem acolhido no Vaticano declare desde já categoricamente que refundirá essa lei monstruosa, que devolverá os bens que foram roubados á Egreja, que concederá a liberdade do ensino ecclesiastico, que reparará todas as affrontas desde já como programma minimo, e isso será sufficiente para que Lisboa se honre de novo com um Nuncio Pontificio.

Mas assim, como até hoje se tem feito, engendrando habilidades e desfiando manhas, permitindo mas não auctorizando o exercicio de direitos sagrados, não será positivamente mais feliz o nosso diplomata, que o governo despacha em grande velocidade para os salões do Vaticano, onde passará, se passar, como sombra fugidia d'uma *gaffe* que a nossa chancellaria se obstina em commetter.

E virá depois dizer-nos a imprensa governativa, com mais ou menos habilidade, doirdas cantatas de phantasia para nos fazer roer mais um fiasco protocollar e o snr. Bessa voltará tristonho, desilludido, com a sua barbicha ruiva e as suas polainas janotas á paz da sua Leça, que não devia ter deixado ou ao bulicio de S. Bento para retomar o seu lugar de senador...

E a culpa?... Não ha peor cego do que o que não quer ver e o governo n'este caso grave mantem-se n'uma myopia assustadora...

Veremos então.





DE FREY GIL DA SOLEDADE,

EGRESSO DA FALPERRA.

LXIV

O nariz na cirurgia.



Ha annos, n'um jornal de que fui director, publicquei o artigo seguinte que não podia faltar n'esta encyclopedia narigal:

E' por todos bem reconhecido o papel importante do nariz na belleza do rosto. A sua influencia é soberana entre as linhas phisionomicas. De sorte que uma cara que podia ser linda, é tyrannizada e ofeada pela deformidade de um nariz grotescamente achatado ou de um nariz lamentavelmente abundante.

Foi o nariz comico d'uma estaqueira, que serviu ao nosso Bocage de motivo para inoffensivos e rimados motes, que eram a arrelia da pobre mulher e o divertimento do povinho (1).

Ora, se a chasqueada estaqueira vivesse em nossos dias e fivesse uns cobres para pagar a operação, poderia talvez fazer desaparecer a nasal fonte de inspiração do genial e irrequieto *Elmano*.

N'um artigo cheio de interesse, o dr. Jacques Joseph contra o que tem feito para corrigir os defeitos dos narizes humanos.

Na India, onde a amputação do nariz era um castigo frequente, já se conhecia o meio de preencher esta falta com umas partes da face e com a pelle da testa (methodo indio); a mesma operação foi praticada em Italia, na *Edade media*, por Blanca, e Tagliacozzi (já nos referimos nos *Serões* a este), transplantando a pelle do braço (methodo italiano).

Este processo, esquecido ha muito tempo, voltou a ser empregado ultimamente de um modo mais completo e com sensiveis aperfeiçoamentos, de sorte que só os mutilados a quem falta, além do nariz, parte do osso maxillar, tem de recorrer aos narizes artificiaes de borracha, de celluloido ou de platina.

Ha narizes em forma de sellim, que apresentam uma linha concava desde a raiz até á ponta. Este concavo é preenchido com parafina injectada no estado liquido, ou com parafina no estado solido, ou até com um bocado de osso tirado da tibia da propria pessoa. Em todos estes diversos processos a materia preenchente é introduzida pelas ventas, por baixo da pelle do nariz, de maneira a evitar qualquer cicatriz exterior. A operação faz-se com anesthesia local.

O emprego da parafina, que offerece a vantagem de um tratamento mais simples e mais rapido, mereceria a preferencia, se, n'alguns casos, as partes assim tratadas, depois de apresentarem a principio um excellent' aspecto, não mostrassem mais tarde, apoz alguns annos ás vezes, uma certa excrecencia pouco natural juntamente com vermelhidão da pelle, o que obriga a uma nova operação. Com a transplantação de um pedaço de osso da tibia, estes phenomenos não se observam: é esta uma vantagem que, apesar do maior tempo que exige o tratamento (10 a 14 dias) deveria fazer dar preferencia a este ultimo methodo.

Ao numero dos narizes imperfeitos pertence o genero chamado *bull-dog*, forma esta bastante rara, que apresenta uma dupla ponta. A operação une as duas partes n'um nariz unico, com uma só ponta.

(1) Na *Selecta internacional do nariz*, que n'estes serões vai sair, verão os leitores essa collecção de epigrammas.

Os narizes cujo desenvolvimento é excessivo (hypertrophia) pertencem a outra categoria. Trafa-se em geral de narizes saos, cujo defeito é unicamente o seu tamanho. São raramente desproporcionados desde o nascimento. E' geralmente um impulso hereditario, que provoca, no segundo decennio da vida, a hypertrophia do nariz.

Ao passo que os narizes imperfeitos inspiram compaixão, os narizes exuberantes excitam hilaridade, e os seus possuidores ficam muitas vezes humilhados e irritados pelo ridiculo, impossibilitados de exercerem a sua profissão, especialmente se se tratar de professores, que difficilmente podem manter, em taes condições, o prestigio necessario.

Não é só a vaidade, como muitos imaginam, que deci de os possuidores de narizes anormaes a submeterem-se a uma operação, mas sobretudo, o desejo de evitarem o ridiculo nas suas relações com os seus semelhantes, de poderem tratar livremente com elles e circular sem serem molestados. Muitas vezes é uma necessidade da carreira, ou da existencia compromettida. Da mesma forma, para quem quer contrahir matrimonio, um nariz feio e enorme pode ser um obstaculo insuperavel.

E', pois, necessario, reduzir essa especie de narizes. A primeira tentativa foi feita em 1892 por um medico americano, mas com um exito incompleto. A primeira correccção total e satisfactoria dos narizes cumpridos foi comprehendida em 1893 pelo dr. Jacques Joseph, o auctor d'este artigo.

Um dia apresentou-se-lhe um estolajadeiro do campo, que ouvira dizer que elle se occupava em reduzir as orelhas demasiadamente grandes, e que em vista d'isso lhe vinha pedir, que diminuise o nariz verdadeiramente extraordinario de que era possuidor. A operação sahiu bem e o medico poude expôr perante a sociedade de medicina de Berlim o methodo que empregara com exito. Quanto ao paciente, o seu genio melancholico cedeu o logar a um sereno gozo da vida. Depois d'este o mesmo medico operou com bom resultado muitos outros individuos. Ora se tratava de diminuir só algumas partes, ora de reduzir uma bossa excessivamente desenvolvida, de encurtar a ponta ou de estreitar a raiz demasiadamente larga.

Nenhuma d'estas operações offerece perigo, visto que, em logar dos narcoticos usuaes, basta empregar a anesthesia local.

São operações perfeitas em que se evita toda e qualquer cicatriz externa. Não se dão já cortes exteriores como antigamente. Opera-se interiormente pelas narinas. A pelle, em razão da sua elasticidade, adapta-se immediatamente ao nariz diminuido, sem a minima ruga. O nariz operado parece nunca fer sido diferente d'aquelle que se vê.

A terceira classe de narizes operaveis são os narizes tortos. Podem sê-lo de nascimento ou em seguida a lesão (quedas, etc.)

Na metade do seculo passado realisou-se uma tentativa de endireitar um nariz; mas agora com o methodo novo esta operação effectua-se pelo interior como a da reduccção, sem deixar vestigios.

Defeitos ridiculos que desfiguram o rosto e causam muitas vezes uma depressão moral muito dolorosa desaparecem deixando em seu logar linhas perfeitas e a alegria de viver. Esta operação tem, pois, uma verdadeira importancia social.





MORTA



A Madame Lacombe.

I

Era linda, branca,
Lyrial...
A ondina, que espanca
A rocha triumphal,
Não é assim branca,
Assim lyrial...

.....

Chamava-se... O nome
Não o digo...
Não quero que o tome
Algum inimigo,
Roido de fome,
Qual Tantaló antigo.

O eu nome encerra
Um poema,
Que encheu toda a terra...
Quem o diz, blasphema,
Se vive na guerra
Sem tê-lo por lemma.

Nasceu ha vinte annos,
A chorar...
Viveu entre enganos,
Qual guiga a fluctuar
Nos grandes oceanos
De vaga a estoirar.

Nasceu, e soffreu
Maguas, crises...
Tenrinha viveu
Em muitos paizes,
E ante-hontem... morreu,
Jasmim sem raizes.

II

Morreu, abraçada
A uma cruz...
Eu vi-a gelada,
Mas tanto em Jesus,
Tranquilla, extasiada,
Que viva a suppuz.

E eu hontem fui vê-la
No coval...
Desceu; como estrella,
Tão formosa, tal,
Que a terra, ao esconde-la,
Ficou de crystal...

III

Senhora gentil que essa amiga deplora,
Não sei mais dizer-lhe da candida extincta...
Nasceu como a aurora, e morreu como a aurora.

A vida que teve foi negra, se a pinta
Quem vê só na Dôr desventura suprema,
Megera feroz com serpentes á cinta.

Mas disse-me o cura — e elle tem por diadema
As cãs d'um heroe que, rezando, trabalha —
Como ella viveu toda a vida um poema.

De Augusta, sublime, ineffavel, batalha...
Amou, e trahiua-a a perfidia vulgar,
Amou, para ter prematura mortalha.

E poz-se a rezar, a chorar, a amparar
Os tristes, os nús, os mendigos, os vis...
E assim veio a morte ceifa-la no lar!

Que intenso poema essa vida não diz!
Criança, vagueou d'um exilio a um exilio,
Proscriptos seus paes do adorado paiz...

Quando orphã e rica, apparece um idyllio
Na patria, no lar, no seu lindo canteiro,
Com quem? Com um fructo do perfido *Emilio*,

Veneno da Europa e do mundo. O dinheiro
Attrahe D. Juan... E depois, bem o sabe,
Seguiu-se a traição, um abysmo — atoleiro,

Horror tão intenso e cruel, que não cabe
Na lingua mais rica, ó labeu dos labeus!
E a martyr? Orou e, em seguida, como ave,

Chamou por Jesus e voou para Deus!

José Agostinho.

Portuguezes na guerra



Antonio Peixoto,
soldado de infantaria 8,
prisioneiro dos allemães
no campo de Heilsberg.



Eduardo Gomes,
soldado de infantaria 8,
actualmente em
França.



Francisco Vieira,
soldado de infantaria 8,
prisioneiro dos allemães
no campo de Heilsberg.



Francisco Rodrigues dos Santos,
soldado de artilharia, natural do concelho
de Arouca,
actualmente no «front».



Adolpho Martins Condesso,
natural da Móra e promovido a tenente
por serviços prestados
em campanha.



Luiz Augusto de Vasconcellos,
2.º sargento de artilharia, natu-
ral de Santarem. Ferido no
combate de 9 d'Abril, sendo a
seguir promovido a 1.º sar-
gento para artilharia 7.



Ernesto Alberto Soeiro de Brito,
1.º cabo de cavallaria 2, natu-
ral de Elvas, promovido a 2.º
sargento por serviços presta-
dos em campanha.



Fructuoso Guilherme d'Almeida,
soldado de infantaria 2, natu-
ral do Monte de Caparica.
Foi prisioneiro dos alle-
mães no campo de Friedri-
charfield.

GUERRA EUROPEIA



Jornalistas ingleses fallando com soldados canadianos n'uma trincheira franceza.



Officiaes d'uma brigada ingleza estudando os mappas.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

Lição de um rei

Apresentaram um dia ao imperador Francisco 1.º, de Austria, um professor de calligraphia, que tinha desenhado a traço de penna com summo artificio a aguia de duas cabeças das armas austriacas.

Cada penna das azas encerrava uma sentença, escripta em letra tão subtil que era impossivel decifral-a com a simples vista. O imperador admirava este primor de delicadeza e paciencia e queria comprehender o sentido das palavras.

Eram cumprimentos emphaticos em que se exaltavam pomposamente as virtudes e talentos governativos do principe; este, á medida que o professor proseguia na leitura, ia demonstrando signaes de impaciencia, até que por fim, entregando-lhe a recompensa, o despediu com estas palavras:

— Tomae; sois um habil artista: porém eu vos recompensaria mais amplamente e de melhor vontade se vos não tivesses mettido a cor-
teção.

A alliada

Ao tempo que negociavamos a paz com a Hespanha, em 1801, Napoleão negociava o tratado de Amiens com a Inglaterra. Bonaparte argumentava com a occupação das provincias portuguezas obrigar a Inglaterra ás suas proposições. A Inglaterra tinha-nos abandonado. E que ella se não importava com a nossa sorte prova-se com esta resposta de lord Hawkesburg ao sr. Olto, negociador francez:

— Se o primeiro consul invadir os Estados de Portugal na Europa a Inglaterra invadirá os Estados ultramarinos de Portugal. Tomará os Açores, o Brazil e arranjará penhores que nas suas mãos valerão mais do que o continente portuguez nas mãos da França.

Como se castiga um rei

Indo dois procuradores de certa communi-
dade pedir a Philippe 2.º não sei que mercê, o mais velho, a quem por essa circumstancia tocava o fallar primeiramente, e que era o que hoje o vulgo chama um *massador*, ou, por outra, um alentadissimo fallador, fez a el-rei um

prolixo e impertinente discurso sobre o negocio que requeria, moendo-o com elle por largo tempo. Quando este acabou de fallar perguntou el-rei ao outro, se tinha alguma coisa que acrescentar ao que o seu companheiro dissera. O frade que estava tão infadado da impertinencia do outro, como el-rei aborrecido de o aturar, respondeu: «Sim, senhor: a nossa comunidade me encarregou de que no caso de V. M. não fazer o que pedimos, faça com que o meu companheiro torne a repetir-lhe tudo o que disse, desde a primeira letra até á ultima. Gostou el-rei tanto da graça, ou tal medo teve de que a ameaça se cumprisse, que sem a menor dilação despachou o negocio como se pretendia.

As crianças



— Se a mamã não pozesse pós de keating nas pelles o que é que acontecia?

— As traças comiam-lhe o pello e deixavam nas cheias de calvas...

— Então porque é que a mamã não poz pós de keating na cabeça do papá?

